

Regional

ARQUEOLOGIA

Indiana Jones de Itapemirim

Professor de História tem como atividade paralela no tempo livre a procura por objetos arqueológicos no Sul do Estado

Alessandro de Paula
Nilo Tardin
Rosimara Marinho
ITAPEMIRIM

Para seus alunos ele é um professor de História, que divide seu horário de trabalho entre duas escolas. Mas assim como o personagem de cinema Indiana Jones, Luciano Retore Moreno, 50, morador de Itapemirim, Sul do Estado, mantém uma atividade paralela, procurando objetos arqueológicos escondidos.

Com a ajuda do amigo que também é apaixonado por história, o dentista Gustavo Hautequestt Mezher, 42, Luciano já encontrou peças de arqueologia em locais inesperados. A última foi um jarro em cerâmica onde indígenas guardavam restos de seus mortos, durante a construção do muro do parque de exposições de Itapemirim.

Mas foi durante um trabalho nas ruínas da fazenda de Joaquim Marcelino da Silva, o Barão de Itapemirim, coronel do século XIX, é que ele encontrou variadas peças. Uma delas é um cachimbo feito em argila por um escravo.

A peça é rica em detalhes e os desenhos lembram a cana-de-açúcar. Foram encontrados ainda porcelanas, pedaços de correntes, cadeados, botões, anel, moedas e até um boneco em louça.

A dupla visitou outros pontos da região, onde havia casarões e cemitérios. “Iniciamos por curiosidade. Íamos a certos lugares onde ouvíamos relatos de pessoas que encontraram coisas interessantes. A curiosidade se transformou em trabalho voluntário, aos domingos”.

“É um sítio a ser explorado”

Na avaliação do professor Luciano Retore Moreno, 50, Itapemirim, mais precisamente na sede da vila e região próxima, é um sítio arqueológico a ser explorado.



LUCIANO e Gustavo mostram peça



LUCIANO RETORE observa ruínas na região de Itapemirim, onde já conseguiu achados arqueológicos indígenas

Os dois já coletaram vários objetos, sendo a maioria de porcelanas europeias. Na avaliação de Retore, as relíquias podem ajudar a explicar a história do lugar.

“A pesquisa arqueológica é nossa cachaça, nosso prazer. O objetivo é resgatar e salvar peças que estão sendo danificadas com o tempo”, afirmou. A expectativa de Luciano é que os objetos permaneçam em Itapemirim em local próprio, como uma casa de cultura.

Recentemente, os dois decidiram suspender provisoriamente as pesquisas após visita de um representante do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (Iphan), órgão responsável por preservar o patrimônio cultural.

Eles estão aguardando orientação do órgão e pretendem reiniciar os trabalhos em breve, desta vez em parceria com instituições oficiais de pesquisa.

“Existem sítios arqueológicos em todo o território do município. A região foi ocupada por índios até a chegada dos primeiros colonizadores, por volta de 1710”.

Segundo Luciano, é muito comum ouvir relatos de pessoas que encontraram peças indígenas ou de antigos moradores durante escavações de obras.

“Na sede ou no interior, acham-se objetos: moedas, urnas funerárias indígenas, chaves, ferramentas e porcelanas em geral”, garantiu.

Luciano lembra que alguns terrenos baldios ou lojas já foram locais históricos. A rua em frente ao Banco do Brasil, segundo ele, foi um cemitério de 1845 a 1871. Depois, o cemitério passou para o local onde atualmente é o prédio da prefeitura até início do século 20.

Pontas de flecha de cristal

ALEGRE

Na Região do Caparaó, um grupo de estudantes liderado pelo professor Francis Lousada Rubini, 36, encontrou peças arqueológicas, como pontas de flecha em cristal e machadinha em pedra.

A pesquisa com aluno do curso de História da Faculdade de Filosofia e Letras de Alegre (Fafia) encontrou vestígios de sítios arqueológicos em locais curiosos, como um riacho próximo a chiqueiros, próximo de Ponte do Araçá, Ibitirama.



FRANCIS mostra artefatos antigos

Minimuseu indígena em Colatina

COLATINA

A criação de um minimuseu da cultura indígena do Noroeste do Espírito Santo é a próxima aventura a ser posta em prática pelo cirurgião dentista Virgílio Knupp, o Indiana Jones de Colatina.

Nas horas vagas ele é arqueólogo amador e já tem sob sua guarda mais 200 machados da pré-história de Colatina e cidades vizinhas.

As machadinhas de pedra polida e utensílios de barro foram fabricados pelos índios das tribos de

ximo de Ponte do Araçá, Ibitirama.

O também encontrou uma lasca cortante de quartzito e a ponta de uma flecha em cristal. Todo material foi entregue ao Instituto Histórico e Geográfico de Alegre (Ihga) e está em exposição na sede do órgão, no prédio da antiga estação.

Francis começou a pesquisar arqueologia em 2001, com um trabalho voltado para o Egito. Por conta própria estudou e conseguiu decifrar hieróglifos, escrita antiga dos egípcios. Atualmente é professor da Fafia e de uma escola pública.

A inspiração pela pesquisa surgiu a partir do professor Celso Perota, ao ler, ainda na infância, uma revista sobre pré-história produzida por ele. “Não posso negar que outra inspiração minha foi o personagem Indiana Jones, meu filme predileto quando era criança”.

As pesquisas são feitas aos finais de semana e feriados. Ele já encontrou até vestígios de uma fazenda do século XIX e a única arte rupestre – desenhos indígenas – do Estado, na Cachoeira da Fumaça.



VIRGÍLIO: instrumentos indígenas

Descoberta de peças arqueológicas em Guarapari

GUARAPARI

Por trás de um manguezal em Jabarai região norte de Guarapari, há uma pedra que evidencia marcas, que demonstram que existia um povo que tinha habilidade em trabalhar com o material na região.

“Esse local, provavelmente é um dos mais importantes sítios arqueológicos do município”, disse o historiador José Amaral Fernandes Filho, que descobriu a pedra.

“Jabarai é um lugar farto de material arqueológico. Há fragmentos de cerâmica, de panela de barro, cachimbo. Isso evidencia a presença de alguma cultura que sabia trabalhar com esse material na região”.

Ele também disse que o manguezal de Anchieta é repleto de sítios arqueológicos e já foram encontrados peso de rede, machado de pedra, cachimbos de cerâmica bem parecidos com os vistos em Jabarai. “Tudo leva a entender que eram povos de uma mesma cultura que habitavam a região”, comentou.

Mas o historiador alerta que caso alguém encontre esse tipo de material, deve levar aos órgãos competentes, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).



JOSÉ AMARAL: local de sítio

botocudos que dominavam as terras do Rio Doce. Todas as peças coletadas estão cadastradas no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

“Sou curador do acervo que achei nos últimos 20 anos. Os botocudos deixaram marcas profundas na cultura do Norte do Estado e sua capacidade de criar ferramentas prova isso”, disse Knupp.

Ele pretende montar uma exposição em espaço ao lado do seu consultório. “Em uns 15 dias, o minimuseu do índio fica pronto”.

Regional

Eremitas modernos no Estado

Eles têm família e amigos, mas são felizes vivendo em locais isolados do mundo, sem vizinhos e sem acesso à modernidade

Nilo Tardin
Julio Huber
Alessandro de Paula
COLATINA

Eles vivem isolados do mundo, escondidos em seus refúgios, longe da realidade dominada pelos computadores e celulares. Essa é a rotina dos eremitas modernos, que não se importam com a solidão.

A falta de vida convívio com outras pessoas não é um problema para quem decidiu deixar tudo de lado morar em um lugar afastado. Seja em uma casa no topo da serra sem energia elétrica e água encaçada, ou em defesa do que resta da Mata Atlântica ou em até uma caverna entre duas enormes pedras.

Isso instiga psicólogos a entender por que os eremitas aguentam o isolamento e conseguem fugir sem traumas da sociedade, como é o caso da lavradora aposentada Irene Teixeira, 87, em Colatina.

Há mais de 30 anos, Irene mora sozinha após a morte da mãe, entre

as montanhas de Itapina, numa colina onde se avista o Rio Doce. Ela convive apenas com o canto dos pássaros, dois filhotes de jacus, três cachorros e galinhas no quintal.

O acesso ao local onde vive é difícil e feito a pé. Um calendário de 2013 na parede e o fogão a gás são os dois traços da existência do mundo moderno. Nunca se casou e tem poucos parentes vivos. “Não tenho energia aqui porque não quero. A gente se acostuma com essa vida”.

Dona das terras onde mora e de um sobrado antigo em ruínas no centro de Itapina, as raras vezes que sai de casa é para ir à Igreja Batista e fazer compras.

Já Alcides Cozer, 60, mora isolado em Monte Seco, Ibirapu. Ele construiu uma cabana no meio de duas pedras quando chegou à região para formar pastagens e criar gado. “Não penso em sair daqui”.

O fotógrafo Natalino Cuzzuol, 65, há 10 anos refugiou-se na Reserva de Itapina, onde vive sozinho na defesa dos bichos e das árvores da área pública protegida.

Segundo a psicóloga Denise Buch Lyra, o isolamento é uma escolha pessoal. “Tanto que abriram as portas e contaram detalhes de sua vida sem qualquer constrangimento. Nós temos a falsa ilusão de que há muita gente à nossa volta. Porém, existem pessoas que se sentem muito só no meio de outros”.

NILO TARDIN

DONA IRENE segura lamparina que usa para iluminar sua casa sem eletricidade: “Não tenho energia porque não quero”



No meio de árvores e bichos

COLATINA

O amor à natureza levou o fotógrafo Natalino Cuzzuol, 65, em 2003 a se embrenhar na mata na Reserva Ecológica de Itapina, distrito de Colatina, para registro fo-

NILO TARDIN



NATAL mora em reserva pública

tográfico de plantas, animais e insetos para uma entidade ecológica.

Resultado: acabou se apaixonando pelo lugar e não saiu mais de lá. Há 10 anos ele mora na reserva e recebe salário da prefeitura como caseiro. Ele diz não se preocupar com horário, e nem sente o vazio da solidão.

Natal, como é conhecido, ganhou a simpatia da população assim que passou a reverenciar Itapina em prosa e verso cantados por ele ao violão nas apresentações do Festival Nacional de Viola – o FenaViola de Itapina.

“Também presto serviço na limpeza da cidade quando precisam, mas prefiro ficar em casa, na mata, que é meu lugar”.



ALCIDES (destaque) mora em local que mais parece cenário de filme: “Gosto do meu canto entre as pedras”

Felicidade em casinha entre pedras

IBIRAÇU

A grotta (interseção de duas montanhas) onde Alcides Cozer, 60, escolheu para construir seu abrigo parece cenário de cinema. Os dois rochedos se encaixam com perfeição e a água brota da nascente com a qual abastece sua casa.

Alcides cria 19 cabeças de gado de corte e leite, rebanho que formou ao longo dos cinco anos quando chegou a Monte Seco, entre Ibirapu e João Neiva, para cuidar das terras arrendadas de um velho amigo. A solidão não o perturba nem um pouco.

Casado com dona Albertina e dois filhos Altieres, 33 anos, e Auciono, 36 anos, recebe visitas e a assistência da família e não quer nem saber o que está acontecendo no mundo lá fora.

Sem instrução, Alcides afirma que não teve oportunidade de estudar na localidade onde nasceu, em Santa Teresa, mas conhece a natureza como a palma da mão.

“É uma história comprida construída com ajuda de Deus. Não preciso sair para nada. As pedras me dão acolhimento, silêncio e paz”.

No terreno de 11 alqueires alugado também cultiva banana e man-

dioca. Com a venda de algumas cabeças de gado comprou uma casa usada de madeira onde, por exigência da família, tem luz, geladeira, televisão e rádio.

“Gosto mesmo é do meu canto entre as pedras. Quando minha mulher, filhos e conhecidos vêm, ficam aqui”.

Ele faz sua própria comida no fogão a lenha na cozinha improvisada nas imediações do curral “Só não me dou com fogão a gás”, disse ele ao acender o fogo para esquentar café. “Nem penso em sair daqui. Gosto mesmo é de morar em um lugar deserto”.

CAVERNA EM MUQUI

ALESSANDRO DE PAULA - 07/05/2010



Seu Brilhantino virou astro de filme

A tentativa de se afastar da sociedade não deu muito certo para João José Brilhantino, 78. A história do eremita de Muqui, que foi tema de reportagem de A Tribuna em 2010, se espalhou e ele se tornou personagem de um documentário visto por milhares.

Brilhantino mora numa caverna distante da área central, mas vai à cidade vender o que planta. Moradores contam que foi fazendeiro rico, mas perdeu tudo. Ele garante que foi roubado.

Ele nunca saiu da vizinhança

LEANDRO FIDELIS/NOVA COMUNICAÇÃO

CONCEIÇÃO DO CASTELO

O aposentado Aguilar Azevedo, 87, corre contra o tempo, ou melhor, caminha, para superar um trauma que o fez confinado em sua própria casa por mais de 60 anos.

Ele já andou cerca de três quilômetros na localidade de Água Limpa, zona rural de Conceição do Castelo. Um feito para alguém que até agora não conhece o centro da cidade.

Acometido por uma febre forte aos 14 anos, desde então Aguilar não colocou o pé mais do que 100 metros de sua casa, à beira da antiga estrada Conceição a Castelo.

Graças ao apoio de um psicólogo, o agricultor superou em parte o medo e costuma caminhar até o campo de futebol da localidade. Costuma ir até o Morro Vênus, a cerca de dois quilômetros da sua casa, mas nada mais além disso.

Se antes os vizinhos nem sabiam quem era Aguilar, hoje ele já não é mais um estranho. “Agora que estou velho, desanima sair de casa. Não me faz falta, prefiro ficar sossegado”, diz.

Tentativas não faltaram para fazê-lo sair do confinamento. Os sobrinhos propuseram passeios de carro, mas seu Aguilar tremeu nos primeiros metros. E saber que ele



AGUILAR não conhece o Centro

tem um carro intriga ainda mais. Nunca o dirigiu, mas cuida muito bem do seu Chevette vermelho.

“Fico aqui esperando uma moça bonita passar, querendo dar uma volta”, brinca.

A família conta que já está acostumada. O mundo externo, o agricultor só conhece pela televisão.